

●●● — Bom ●●●● — Excelente ●●●●● — Obra-prima

SUSPENSE/Crítica

A fragilidade das idéias contra o Estado nazista

“A Rosa Branca” mostra a revolta de universitários em Munique contra a política de Hitler, antes da decadência do III Reich, sufocada com violência

Flávio Mogadouro
Especial para o Estado

A Munique de 1942, às vésperas das primeiras derrotas alemãs e do início da decadência nazista na 2ª Guerra Mundial, é o cenário de **A Rosa Branca**, prova de que o conflito ainda pode render bons argumentos, desde que tratado com originalidade. Os personagens principais não são carrascos nazistas ou suas vítimas infelizes, mas meia dúzia de universitários, na faixa dos 23 anos que tentam aplicar de maneira útil a indignação contra os crimes do Estado alemão, aprendida nas aulas de ciências e filosofia. Então, as universidades eram o único lugar onde se podia respirar algumas moléculas de ar inteligente em toda a Alemanha, ainda que ao preço de ter a Gestapo vigiando permanentemente.

Sob o nome de A Rosa Branca e com infra-estrutura precária, constituída por um porão secreto, uma impressora manual e folhas de papel roubadas, esses rapazes criaram um grupo de resistência que existiu de fato, com o objetivo de acabar com a guerra e pôr fim aos crimes contra toda a Europa, até então desconhecidos pela grande massa alemã. Com métodos pacíficos — espalhavam e postavam panfletos anonimamente, além de pichar os muros — eles acabaram conquistando adesões, como a do professor Huber, de filosofia.

Com o crescimento, porém, surgem as divergências internas: os membros se dividem entre a prudência e a ousadia. Sabotagens, terrorismo e conspiração contra o exército são idéias defendidas por uns e condenadas por outros. Mas, mesmo um tanto perdido, o grupo atinge o que poucos acreditavam conseguir: uma manifestação pública. A repressão vem à altura, num final trágico, embora revelado sem suspense no início do filme.

A Rosa Branca é o primeiro sucesso internacional de Michael Verhoeven, um diretor que passou alheio pela onda do Novo Cinema alemão, apesar dos seus 51 anos. O filme foi indicado para o Oscar de melhor estrangeiro em 83. A narrativa é conduzida por Sophie, uma jovem de Ulm que chega a Munique para estudar e acaba se tornando mártir do movimento. Síntese da fragilidade do grupo que, apenas com idéias, quis combater um dos mais organizados Estados criminosos da história. Até então, a participação de estudantes na política européia não tinha tanta repercussão, quadro definitivamente alterado na segunda metade do século.



Estudantes rebelam-se contra a guerra

SERVIÇO

A Rosa Branca (Die Weiße Rose), Alemanha, 1982, 107min, cor. Direção de Michael Verhoeven, com Lena Plotze, Wulf Kessler e

Oliver Siebert, Roteiro de Verhoeven. Distribuição Unitideo (rua Tabapuã, 594 5º andar, São Paulo, tel. 64-1314). Cotação: ●●●

Cinema Estréia:



JULIA JENTSCH - Como Sophie Scholl, cercada pelos agentes nazistas; tema do diretor Marc Rothmund é a resistência ao mal que os homens conseguem fazer a seus semelhantes

Palavra vira arma para grande atriz

Julia Jentsch mostra por que foi premiada em Berlim, no ano passado, com o poderoso *Uma Mulher contra Hitler*

Luiz Carlos Merten

Pelo segundo ano consecutivo, uma atriz alemã foi considerada a melhor do Festival de Berlim. Este ano, a vencedora foi Sandra Hüller, por *Résquiem*, de Hans-Christian Schmid, baseado na história real de uma garota convencida pela família de que está possuída pelo Demônio e que morre durante o exorcismo. *Résquiem* ganhou o prêmio da crítica, exagero que o júri presidido por Charlotte Rampling compenhou, ao premiar o que o filme tem de bom - a atriz. Sandra pode ser ótima, mas não é melhor do que Julia Jentsch, que recebeu o prêmio no ano passado, por seu papel em *Sophie Scholl - Os Últimos Dias*, de Marc Rothmund, que agora estreia no Brasil com o título de *Uma Mulher contra Hitler*. Julia é maravilhosa, mas o júri presidido por Roland Emmri-

chacertou ao dar ao filme outro Urso de Prata, o de melhor diretor para Rothmund. *Uma Mulher contra Hitler* não é a única aposta dos distribuidores e exibidores, que acreditam que existe um público que não quer saber de carnaval e está disposto a prestigiar um cinema de qualidade. Também estreia *Capote*, de Bennett Miller. Ambos são biografias, o que possibilita uma discussão interessante sobre como os cineastas abordam esse tipo de material.

No intervalo entre a premiação de Julia e Rothmund e a estreia brasileira de *Uma Mulher contra Hitler*, houve, no ano passado *A Queda*, de Oliver Hirschbiegel, com Bruno Ganz na pele do Führer que vive suas últimas horas numa Berlim sob pesado bombardeio dos aliados. Hitler é visto pelos olhos da sua secretária, que, no final, reflete - ao assumir o cargo, ela tinha a mes-

ma idade de Sophie Scholl e a outra preferiu arriscar a vida no combate da barbárie nazista. Em Berlim, este ano, o repórter do *Estado* tentou localizar Julia e Rothmund para esclarecer um fato - na abertura de *A Queda*, apresentam-se cinco candidatas ao cargo de secretá-

RIGOR DE BRESSON FOI BÚSSOLA PARA DIRETOR, TAMBÉM PREMIADO NA BERLINALE

ria e uma delas, sem crédito, é Julia Jentsch (foi uma sócia), o que talvez sugira que, assim como a secretária poderia ter escolhido ser como Sophie, a própria Sophie também poderia ter sido a secretária e não a trágica heroína que foi. Quem filmou primeiro? Quem quis ar-

mar essa confusão no público?

Nem Julia nem Rothmund foram encontrados, mas, no ano passado, eles disseram ao repórter do *Estado* que o que mais queriam evitar era o rótulo de heroína atribuível a Sophie. O herói e a heroína têm sempre uma qualidade sobre-humana e o que eles queriam realçar era justamente a humanidade da garota que preferiu morrer pelo que acreditava a viver sob uma ordem que abominava. Face à ameaça do ne nazismo na Alemanha, principalmente na antiga Alemanha Oriental - a parte comunista, cuja juventude é menos aparelhada para competir no mercado de trabalho -, a volta a Sophie Scholl desencadeou um debate muito rico no país.

Filhos de uma família protestante, Sophie e o irmão foram presos em Colônia, acusados de alta traição, por distribuir pan-

fletos contra o regime nazista. O julgamento foi uma farsa e Sophie foi executada em 1943, aos 22 anos. Antes de morrer, vaticinou que o Reich programado para ter mil anos seria destruído em seguida. O filme de Rothmund concentra-se nos últimos dias de Sophie, na sua última resistência à banalidade do mal (o nazismo). O diretor admite que viu *O Processo de Joana d'Arc*, de Robert Bresson. Não foi propriamente um modelo, porque Bresson, o cineasta da tela branca, filmou o julgamento de uma santa, usando atores não profissionais para discutir a Graça. Não é o que interessa a Rothmund. O rigor e o despojamento lhe servem, mas ele precisa de uma profissional, uma grande atriz, para construir a convicção de Sophie, a forma como ela faz da palavra uma arma contra o horror. A farsa da Justiça a serviço do poder é a mes-

ma que Michael Winterbottom denuncia em *Road to Guantanamo*, premiado este ano em Berlim, sobre a base em Cuba que os americanos transformaram em campo de prisioneiros suspeitos de terrorismo. O foco de Rothmund é em Sophie Scholl. Seu rosto concentra a luz. Julia Jentsch disse que teve de buscar dentro dela, no seu inconsciente, a força para encarnar essa guerreira tão jovem. "Foi emocionante", disse. Pode ter sido, mas a emoção maior é dos espectadores. ■

Serviço

• **Uma Mulher contra Hitler** (Ale/2005, 117 min.). Drama. Dir. Marc Rothmund. 14 anos. Cineclube Vitrine 1 - 14h, 16h30, 19h, 21h30. Reserva Cultural 2 - 14h20, 16h50, 19h20, 21h50. Unibanco Arteplex 7 - 14h10, 16h40, 19h10, 21h40 (sáb. também 0h). Cotação: Ótimo